

A SUPERVISÃO NA CLÍNICA-ESCOLA: VIA DE FORMAÇÃO E PESQUISA CLÍNICA

Carlos Henrique Kessler

Acompanho desde 1986 as atividades da Clínica de Atendimento Psicológico do Instituto de Psicologia-UFRGS. Desde que dela me aproximei, entrevi ali uma interessante possibilidade de trabalho, relacionado com o que é afirmado por Freud (1918/1976). O trabalho que segue tem como objetivo seguir a elaboração que produzi, tendo como suporte a supervisão por mim efetuada ao longo dos anos a atendimentos clínicos no âmbito dessa Clínica (KESSLER, 2009), tendo a psicanálise como suporte referencial. Essa é uma situação freqüente nas universidades brasileiras e, nesse sentido, pode-se beneficiar e fornecer elementos de interlocução com outras experiências.

Mesmo compondo um dos três componentes consagrados como indispensáveis à formação e prática analíticas, a supervisão/controlé surpreendentemente não é trabalhada teoricamente na mesma proporção dos demais elementos do tripé. Uma primeira menção da expressão '*Kontrolle*' é encontrada no texto de Freud (1919/1976) sobre o ensino da psicanálise nas universidades. Hélène Deutsch, em 1927 (1960/2001), já indicava o paradoxo da dupla tarefa imposta aos didatas: terapeuta e professor. É igualmente sensível a uma outra dificuldade: a de que o supervisando não é transparente, o que coloca obstáculo a qualquer objetivo de "analisar o paciente invisível" (DEUTSCH, 1960[1927]/1976, p. 69). É a partir da Policlínica de Berlim que a supervisão foi tornada prática obrigatória (COLONOMOS, 1985), levando a IPA a normatizar e burocratizar a formação do analista. Dessa forma, inverte-se o processo: Freud teria introduzido a noção de formação mais próxima da idéia de uma interrogação, crítica de si, que da noção de modelo, que acabou por prevalecer.

Para Lacan, a supervisão se imporia ao praticante por efeitos de sua análise. O sujeito deixaria de estar alienado às normas, impondo-se a responsabilidade de assumir os riscos de sua prática. Lacan (1983) comentava a seus supervisandos que sempre evitassem entender demasiadamente. Vai caracterizar o controle como possuindo uma dimensão de ação, mediante a qual faz aparecer, como no clarão do relâmpago, o que possa ser possível de captar mais além dos limites do saber (LACAN, 2005). Em 1964, o controle é situado como garantia a ser dada pela instituição ao analista em formação e também para proteção dos que seriam os pacientes (LACAN, 2003). Destacando a dimensão de palavra, a escutar/dizer, e não para ver, propõe a expressão ‘super-audição’ (LACAN, 1976, p. 46). Agrega, ainda, que no início de seus controles costuma encorajar o analista a seguir seu movimento: este, na medida em que procura supervisão também está comunicando a um outrem que é analista. No Seminário 23, Lacan (2007) vai mencionar este encorajamento como uma primeira etapa. Em uma segunda etapa, procuraria jogar com o equívoco. Importa poder se desapegar do relato do caso, para que ali se abra um intervalo onde algo possa se produzir.

Safouan (1975) salienta a dimensão terceira da supervisão. É essencial que o desejo do analista, enquanto desejo de agarrar a oportunidade, seja afirmado, ao menos do lado do analista controlador, viabilizando assim que não se deixe escapar a ocasião de penetrar no território das transferências.

Em relação à bibliografia brasileira sobre a supervisão, especialmente em clínicas públicas e universitárias, encontramos vários elementos de diálogo, particularmente em relação a dois tópicos: a especificidade da clínica-escola nas universidades brasileiras (DIAS, 2003; NOBRE, 2003; BARROS, 2006; FONTENELE, 2006a; MAURANO, 2006)

e, antes disso, a própria polêmica da possibilidade da presença da psicanálise em universidades.

Haveria uma tensão, um impossível, tendo em vista que estejamos na universidade, mas ao mesmo tempo confrontados com um horizonte de trabalho em psicanálise. Lo Bianco (2006a) vai posicionar este impasse: em razão das características do discurso predominante nas universidades, a psicanálise depara-se com dificuldades em função do lugar de comando ocupado pelo saber no contexto universitário. Lugar do qual surge a promessa de tudo se apropriar, situar sob si. Temos então um ponto de avesso da psicanálise, na medida em que esta reconhece sempre algo de irreduzível ao saber. Eis então a dificuldade com que se confrontam aqueles que, ensinando na universidade, pela sua formação analítica se vêem igualmente frente à implicação ética de visar a um sujeito do desejo e, dessa forma, dirigir-se à sua divisão. Lo Bianco (2006b) aponta outro problema que está em questão para aqueles que acreditam poder escolher se aproximar da psicanálise por intermédio do saber universitário: sempre que se depare com aquilo que é da ordem do irreduzível, seu movimento imediato será, nos cursos universitários, o de tentar recuperá-lo por meio de um saber.

Porém, se por um lado não há como formar analistas na universidade, de outro, não há como evitar procurar lidar com esta demanda, na medida em que ela se apresente (DIAS, 2003; FIGUEIREDO, 2008). Para Fontenele (2006a), a presença dos psicanalistas na universidade é, hoje, uma realidade, o que não impede que se esbarre permanentemente em uma série de obstáculos em função das diferenças entre os campos da psicologia e da psicanálise. Temos várias proposições (ALBERTI; FIGUEIREDO, 2006; JORGE, 2006a; RINALDI, 2006; FERNANDES, 2006; DIAS, 2003) que vão considerar os quatro discursos de Lacan (1992) como uma ferramenta útil para buscar dar conta do trabalho de

supervisão – utilizando ora um dos discursos privilegiadamente, ora, geralmente, propondo leituras a partir de cada um deles para as situações que se apresentam e buscando daí extrair consequências. Em função da delimitação deste atual trabalho, não nos alongaremos aqui sobre estes tópicos.

Embora o que se pratica na universidade não possa ser qualificado de psicanálise, isso não quer dizer que seus efeitos posteriores – clínicos e de formação – não repercutam marcas desta referência, na medida em que ela seja adotada por aqueles que ali trabalham. Concluimos que cabe ao supervisor se colocar frente ao impossível envolvido na presença do discurso do analista na universidade. Terá com seu ato que produzir uma inflexão no discurso universitário, no qual até então o estudante esteve imerso, para marcar um início na trajetória do supervisionado em direção à formação psicanalítica.

O supervisor, na medida em que tenha sido atravessado pela experiência analítica, portando-se como sujeito dividido, supondo o *a* no comando, pode apostar que algum traço dessa experiência possa se transmitir através de um ato na supervisão. Assim que a resistência do psicanalista iria se manifestar caso ele se recusasse ao ato. “O ato consiste em autorizar a tarefa psicanalisante” (LACAN, 1967-8, p. 140).

É na supervisão, portanto, que se trataria de estar prevenido quanto a isto, em vez de se dedicar a pensar se o paciente melhorou ou não, e quanto, o que vai colocar a possibilidade do deslocamento da perspectiva de um sujeito que falava a partir de uma posição de saber ou de busca de saber sobre si (S2 no comando), para que ele possa falar a partir de onde, como sujeito do inconsciente, seja causado (*a* no comando). Tomar o objeto *a* como o agente do discurso, deixando o saber (S2) em suspensão, fazendo o sujeito, dividido ($\$$), trabalhar de forma a que assim se produzam os significantes (S1) que lhe são constitutivos. Trata-se então de sustentar, dar suporte, à posição do praticante. E que algo

dessa posição possa, produzida em transferência de trabalho, marcar (pontuar) a trajetória clínica desse sujeito, eventualmente transmitindo o traço... de uma transferência com a psicanálise, com seu discurso. Se podemos constatar que a prática clínica supervisionada na universidade é, para muitos, via de entrada na formação psicanalítica, devemos depreender ali a presença de um ato, tal qual situada por Lacan (1967-8), quando disse que o ato é o que constitui um começo, lá onde não havia um.

Em resumo, temos na supervisão que se faz em clínicas das universidades uma situação em que, estruturalmente, nos deparamos com o impossível em diversos momentos. Face a este, impõe-se eticamente recorrer a um ato, caso contrário estariam resistindo ao desejo do analista, qual seja, o de posicionar-se a partir da marca deixada pela experiência de análise, que indica o objeto *a* como causa do desejo. Isto é o que se daria em tudo o que um sujeito, tendo sido analisante, viesse a fazer. Ou seja, ao que Lacan situou não apenas como a psicanálise em intensão, quando o analista, com plenas condições, irá prestar-se a sujeito suposto saber, até sua queda no lugar do objeto pequeno *a*; mas também à psicanálise em extensão, enquanto presentificadora da psicanálise no mundo, conforme a proposição de outubro de 1967 (LACAN, 2003b). Trata-se nada mais do que a repercussão do que Lacan já indicara no “Ato de Fundação”, da Escola Freudiana de Paris: “É constante que a psicanálise tenha efeitos sobre toda e qualquer prática do sujeito que nela se engaja” (LACAN, 2003a, p. 241).

Realizar a supervisão na universidade, como vimos, nos coloca frente a inúmeras dificuldades e a nos depararmos com muitos obstáculos. Trata-se então de considerarmos estas dificuldades e obstáculos na sua face estrutural e de reconhecermos que eles nos confrontam com o impossível de ser realizado. É nesse ponto de confronto que devemos buscar recursos para não abrir mão do lugar que se abre, nesse mesmo momento, para o

exercício de alguma coisa que não deixe de trazer as marcas da psicanálise. Foi partindo disso que buscamos averiguar a possibilidade de um efeito pontual de transmissão da psicanálise, tanto àquele clínico que faça estágio/especialização/extensão, como a quem vier buscar tratamento para o seu mal-estar.

Este efeito de transmissão pode-se revelar, mesmo posteriormente, como ponto de inflexão decisivo, numa trajetória que tenha levado à formação de um analista. A supervisão é função necessária para a sustentação do atendimento clínico, no mínimo até que o clínico responsável pelo atendimento decida-se a seguir ou não esse caminho.

Destaquemos ainda, para finalizar, que a atividade de supervisão, para além de sua função formativa, pode ser uma via privilegiada de pesquisa e investigação clínica. É ao que estamos nos propondo com a criação de uma linha de pesquisa, dentro do grupo “A psicanálise e a Clínica da Universidade”, para seguir elaborando sobre tais questões abertas a partir de nossa Tese de Doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. M. M. A psicanálise e sua transmissão: da supervisão em clínica-escola In: ALBERTI, S. & FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

COLONOMOS, F. Présentation In: COLONOMOS, F (org.) **On forme des psychanalystes. Rapport original sur les dix ans de l’Institut Psychanalytique de Berlin 1920-1930**. Paris: L’Espace Analytique, Denoël, 1985.

DIAS, L. M. A questão da transmissão e da supervisão na Universidade In: **Escola Letra Freudiana – A análise é leiga – da formação do psicanalista**. Rio de Janeiro, ano XXII, n. 32. p.167-73, 2003.

DEUTSCH, H. (1960[1927]) Supervisão In: **Opção Lacaniana**, São Paulo, 31, p. 67-81, 2001.

FERNANDES, A. H. Sobre a transmissão da psicanálise na supervisão In: ALBERTI, S. & FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 169-76, 2006.

FIGUEIREDO, A. C. & ALBERTI, S. (orgs.) **Psicanálise e Saúde Mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

FIGUEIREDO, A. C. **Psicanálise e universidade: reflexões sobre uma conjunção ainda possível**. In *Fractal Revista de Psicologia*, v. 20, n. 1, p. 237-52, jan/jun 2008.

FONTENELE, L. Inserção e recepção da psicanálise no curso de psicologia da UFC In: ALBERTI, S. & FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 177-83, 2006a.

_____ (2006b) Caminhos e descaminhos da supervisão em psicanálise In: Jorge: M. A. C. (org.) **Lacan e a formação do psicanalista**. Rio de Janeiro: Contracapa, p. 263-76, 2006b.

FREUD, S. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1918) In: **Edição standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919) In: **Edição standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GAGEIRO, A. M. A prática da supervisão: uma breve história In: **Correio da Appoa**, Porto Alegre, v. 142, n. 12, p.7-11, 2005.

JORGE, M. A. C. A psicoterapia conduz ao pior – apontamentos sobre a querela psicanálise/psicoterapia In: ALBERTI, S. & FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p. 127-39, 2006.

JORGE, M.A.C. & COSTA, T. Entre supervisão e controle: a psicanálise no SPA da universidade In: ALTOÉ, S. & LIMA, M. M. (orgs.) **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2005.

KESSLER, C. H. **A supervisão na Clínica-Escola: o ato no limite do discurso**. 2009. 141 p. Tese (doutorado em Teoria Psicanalítica). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LACAN, J. (1967-8) **O ato psicanalítico**. Publicação não comercial.

_____. Lê symptôme (Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines – Columbia University) In: *Scilicet*, n° 6/7, Paris, déc, p. 42-52, 1976.

_____. **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

_____. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise 1969-1970.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003a.

_____. Ato de fundação In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003b.

_____. **O seminário, livro 10: a angústia. 1962-3.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **O seminário, livro 23: o sintoma. 1975-6.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LO BIANCO, A.C. Psicanálise e universidade: a questão da filiação do analista In: LO BIANCO, A. C. (org.): **Freud não explica: a psicanálise nas universidades.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2006a.

_____. O ato no texto analítico: significação e autorização In: **Estilos da Clínica**, vol IX, nº 21. p. 48-55, 2006b.

MAURANO, D. Um estranho no ninho ou a psicanálise na universidade In: JORGE, M. A. C. (org.) **Lacan e a formação do psicanalista.** Rio de Janeiro: Contracapa. p. 209-27, 2006.

NOBRE, L. Deve-se ensinar a psicanálise na universidade? In: **Escola Letra Freudiana – A análise é leiga – da formação do psicanalista.** Rio de Janeiro, ano XXII, 32. p. 151-5, 2003.

RINALDI, D. Entre o sujeito e o cidadão: psicanálise ou psicoterapia no campo da saúde mental? p. 141-7 In: ALBERTI, S. & FIGUEIREDO, A. C. (orgs.) **Psicanálise e saúde mental: uma aposta.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

SAFOUAN, M. Vers une théorie de la analyse du contrôle In: *Lettres de l'École Freudienne de Paris*, 16. p. 205-19, 1975.

SOBRE O AUTOR:

Carlos Henrique Kessler. Professor (Depto. de Psicanálise e Psicopatologia) e Diretor da Clínica de Atendimento Psicológico do IP-UFRGS; Doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ); Líder do Grupo de Pesquisa “A Psicanálise e a Clínica na Universidade”; Psicanalista (APPOA).